

O ESTUDO DA FILOSOFIA E A EVANGELIZAÇÃO DA CULTURA¹

THE STUDY OF PHILOSOPHY AND THE EVANGELIZATION OF CULTURE

João A. Mac Dowell²

RESUMO:

O artigo aborda a relação constitutiva entre evangelização e cultura, ressaltando o papel insubstituível da filosofia no processo de uma autêntica inculturação do evangelho. Depois de analisar exemplos bem sucedidos de evangelização da cultura ao longo da história do cristianismo, mostra como a mesma aliança harmônica não ocorreu nos tempos modernos. Considera, porém, que a situação atual oferece uma nova oportunidade de diálogo entre a fé e a cultura, desde que sejam observados os requisitos de sensibilidade e respeito para com os valores do mundo atual, a serem purificados pelo espírito evangélico instilado no bojo da cultura viva mediante as categorias do pensar filosófico.

Palavras-chave: Evangelização – Cultura – Modernidade – Filosofia.

ABSTRACT:

This article discusses the constitutive relationship between evangelization and culture, emphasizing the unique role of philosophy in the authentic inculturation process of the Gospel. After analyzing several examples of successful cultural evangelization throughout the history of Christianity, it shows that such a phenomenon has not occurred in modern times. However, it considers the current situation as a new opportunity to build a dialogue between faith and culture, provided sensitivity and respect towards the values of the present world are observed. These values should in turn be purified by the Evangelical spirit instilled within the living culture through philosophical thinking.

Keywords: Evangelization – Culture – Modernity – Philosophy.

Com sempre maior insistência a Igreja vem assumindo nos últimos anos, como parte integrante de sua missão, a evangelização da cultura. Este projeto já emerge na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II. Mas é na exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI que a expressão é cunhada oficialmente. O documento final da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla retoma-a e aplica-a às circunstâncias de nosso continente. João Paulo II adotou-a com um dos *leit-motiv* de seu

¹ Artigo recebido em 01/08/2012 e aprovado para publicação em 15/08/2012. Artigo publicado originalmente na edição brasileira de *Communio – Revista Internacional de Cultura*, ano II, n. 10, julho/agosto de 1983, p. 32-48. O autor autorizou esta nova publicação e revisou o texto.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).

pontificado, voltando continuamente ao tema em seus discursos e constituindo para o seu aprofundamento e operacionalização o Pontifício Conselho para a Cultura. Neste artigo não intencionamos ir muito além de um modesto comentário dos pronunciamentos do Magistério Eclesiástico sobre a evangelização da cultura.

1. Evangelização da cultura como missão da Igreja

Nesta perspectiva a missão da Igreja não consiste apenas em levar o Evangelho a todas as criaturas individualmente, para que se convertam e creiam em Jesus Cristo. Trata-se também de impregnar com a força do Evangelho a cultura e as culturas, isto é, o modo de pensar, os critérios de julgar, as normas de agir, que caracterizam determinada sociedade humana. A cultura, assim entendida, constitui a maneira histórica pela qual os homens cultivam a sua relação com a natureza, entre eles mesmos e com Deus e, assim, chegam a um nível de vida plenamente humano. Com efeito, de acordo com sua natureza de ser livre, histórico, social, o homem é criador de cultura e só no seio de uma cultura tem condições de desenvolver as suas potencialidades. A cultura abrange, pois, o conjunto de valores e contravalores partilhados em comum por determinados grupos sociais e, ao mesmo tempo, as formas através das quais tais valores se exprimem e configuram: a língua, os costumes, as instituições, as estruturas de convivência social etc. Ela envolve a totalidade da vida de um povo e de cada uma das pessoas que o constituem.

Daí a necessidade imperiosa, para a Igreja, de evangelizar a cultura. Com efeito, o ambiente cultural influencia decisivamente o indivíduo no seu modo de pensar e de agir. É verdade que o homem não é simplesmente um joguete da própria cultura. A sua natureza racional e livre proporciona-lhe uma transcendência básica sobre os condicionamentos culturais, permitindo-lhe tomar uma atitude crítica e criativa em relação à sua situação cultural. Sem o que, aliás, não haveria evolução cultural e humana. A superação da cultura é inerente à própria cultura e aos fatores humanos que a produzem. Entretanto, estas mesmas superações ocorrem necessariamente a partir da cultura própria de cada um. Elas podem ser provocadas por choques culturais, por interferência de outras culturas. Mas trata-se sempre de reações que levam a marca, positiva ou negativa, da cultura originária.

Dado esse tão íntimo envolvimento da pessoa humana com a sua cultura, é fácil ver que o dissídio entre a fé e a cultura constitui grave obstáculo à evangelização. Pelo contrário. Uma cultura imbuída do espírito cristão favorece a adesão pessoal à mensagem evangélica.

2. Surgimento da problemática da evangelização da cultura no mundo atual

Durante os últimos séculos, o problema da evangelização da cultura não aflorou especificamente na consciência eclesial. Vivia-se ou pensava-se viver numa sociedade cristã nos países onde a Igreja estava estabelecida. E nos países de missão não se cogitava, em geral, sobre a evangelização das culturas com as quais os mensageiros da Boa Nova entravam em contato. Quem se convertia à fé cristã, adotava também os valores da cultura ocidental, própria dos missionários e da Igreja que os enviava.

Foi a ruptura do regime de cristandade no mundo ocidental que provocou, pouco a pouco, a consciência do abismo existente entre a fé e a cultura e, por conseguinte, a problemática da evangelização ou reevangelização da cultura contemporânea.

Esta problemática surgiu primeiramente no plano teórico como um confronto, real ou aparente, entre as verdades de fé e a ciência moderna a partir de Galileu Galilei, de Darwin, de Freud e seus sucessores nos vários ramos das ciências. Estes pensadores elaboraram uma visão do mundo e do homem em contraste com a síntese medieval entre o pensamento antigo e a fé cristã. Esforços como os da apologética do século XIX ou mesmo de um diálogo mais atualizado, que tente conciliar as descobertas científicas com os valores cristãos numa nova síntese teórica, não respondem mais, em toda a amplitude e radicalidade, ao desafio lançado pelo mundo atual à tarefa evangelizadora.

Não é apenas no nível das ideias científicas que se dá o conflito entre o mundo e a verdade do Evangelho. Ele se apresenta com bem maior virulência no plano dos sistemas políticos e econômicos que estruturam a sociedade e determinam as condições da convivência entre os homens. Qualquer cristão consciente sente a contradição que reina entre as atitudes ditadas pela sua fé e as regras do jogo político, tanto nas democracias liberais como, mais ainda, nos Estados autoritários ou totalitários. Igual desconforto provocam os sistemas

econômicos vigentes, seja o capitalismo, seja o socialismo coletivista, ambos geradores das mais graves injustiças e violações da dignidade da pessoa humana.

Entretanto, a missão evangelizadora da Igreja não pode restringir a sua meta à mera transformação das estruturas econômicas e políticas da sociedade. Novos sistemas políticos, uma nova ordem econômica, tanto em nível nacional como internacional, para além das oposições ideológicas e dos conflitos de interesses, só poderão ser gerados e implantados, à medida que se atingir a raiz mesma da cultura, aquela dimensão mais profunda onde se definem os valores fundamentais, os padrões éticos, os critérios de decisão de uma sociedade. Mais sutil e mais profundo do que as estruturas político-econômicas ou mesmo que as concepções teóricas sobre a realidade é o estilo de vida de um povo, sua maneira de sentir-se e de comportar-se face aos acontecimentos, as atitudes que o caracterizam. É neste nível que se geram, em última análise, as forças capazes de inspirar uma sociedade nova, onde reine a justiça nas relações econômicas e a liberdade e participação na política.

3. Oportunidade de uma revolução cultural de inspiração cristã

A Idade Moderna ocidental assistiu a três revoluções, todas de repercussão planetária. Em primeiro lugar, o impacto da ciência baseada no método matemático-experimental, que subverteu a mundivisão tradicional e se prolongou na revolução tecnológica e industrial. Em seguida, no plano político, a Revolução Francesa de 1789, que destruiu o *ancien régime* e divulgou por toda a parte as tendências republicanas e democráticas. Enfim, a Revolução Russa de 1917, sob a bandeira de uma nova ordem econômica, o socialismo marxista, com pretensões universais.

Após a revolução científica, a revolução política e a revolução econômica, a humanidade está madura para a revolução cultural. Os três movimentos anteriores falharam no seu intento declarado de trazer nova era de prosperidade e de paz para o gênero humano. Resta tentar a revolução cultural, capaz de inverter a escala de valores da sociedade contemporânea.

Os sinais precursores deste fenômeno já despontam em movimentos aberrantes, que revelam, porém, uma intuição profunda das causas do mal-estar da nossa sociedade. Refiro-

me à “revolução cultural” chinesa e ao movimento *hippy* com as modalidades derivadas de contracultura. Tão diferentes na sua origem e nas suas propostas, são ambos expressões de um inconformismo radical com os valores da sociedade atual. Para além da mera contestação, que sobressaía em suas manifestações, bem como dos métodos bárbaros adotados no caso chinês, ambos estes movimentos souberam apontar para certas atitudes – a austeridade, num caso, a gratuidade, no outro – de alcance fundamental para a reconstrução de um mundo, governado pela eficácia racionalista da produção e da dominação e por um consumismo desenfreado. Falta-lhes, porém, uma visão integral do homem, na amplitude harmônica de suas dimensões e na transcendência do seu espírito para o absoluto.

Cabe à Igreja de hoje, interpretando os sinais do tempo, oferecer através de uma autêntica revolução cultural, a resposta do Evangelho às aspirações latentes de toda a família humana por uma forma mais digna de convivência social.

As três primeiras revoluções da Idade Moderna ocorreram à revelia da Igreja e mesmo contra ela, ainda que veiculassem valores basicamente cristãos.

Foi a ideia bíblica da criação do universo por um Deus pessoal e a conseqüente inteligibilidade dos fenômenos naturais que impulsionou a ciência moderna a descobrir e codificar as leis que regem o funcionamento da natureza e que determinam a arquitetura do cosmos. Foi também o mandato divino de dominar toda a Terra que levou o homem a desenvolver a técnica como projeto de transformação e conformação da natureza aos próprios interesses e objetivos. Entretanto, esquecida dos limites do homem como criatura, a mentalidade científica levou-o a superestimar a sua razão como matriz de toda a compreensão do mundo e a sua vontade como senhora de todo o seu destino. Perdeu assim o sentido do mistério e o respeito pela realidade, que o envolve e transcende.

Outra herança legitimamente cristã foi o lema da Revolução Francesa: *liberté, égalité, fraternité*. Entretanto, na versão imanente e secularizada com que foram acolhidos, rompido o seu nexos com a concepção do homem criado à imagem e semelhança de Deus, esses valores foram deformados e tornaram-se ineficazes. A *Declaração dos direitos do homem* estabeleceu uma liberdade e igualdade meramente formais, incapazes de moldar operativamente a rede de relações sociais e muito menos de promover a fraternidade. Esta, para além da definição e reivindicação dos próprios direitos, pressupõe em cada um a atitude de gratuidade e perdão, a prontidão para até renunciar aos seus interesses em favor da união e da paz.

Vários autores já ressaltaram, enfim, o parentesco entre a concepção cristã de salvação e a filosofia marxista da história. Ainda que em registros contrários, o pensamento de Marx está claramente decalcado do modelo judaico-cristão da história da salvação, com as etapas do pecado original, da redenção e da promessa escatológica. Acenaremos apenas brevemente para essas coincidências. Na Revelação cristã o pecado consiste no egoísmo, isto é, em querer ser por si, rompendo a comunhão de amor com Deus e com os outros. O pecado é a verdadeira alienação ou perdição do homem: ele deixa de ser ele mesmo, conforme a sua vocação divina. Também para Marx a alienação fundamental é o rompimento de uma comunhão. Ele o situa, porém, em nível não da atitude pessoal, mas na estrutura econômica, na instituição da propriedade privada dos meios de produção. A superação desta alienação se dá pela revolução, cujo protagonista é o proletariado, a classe espoliada de todos os bens e direitos. Quando a exploração capitalista atinge o seu paroxismo, ocorre a reviravolta com a supressão da propriedade privada e a instalação da ditadura do proletariado, como etapa preparatória do comunismo final. Não é difícil ver neste proletariado um *Ersatz* do Cristo redentor que, por sua paixão, morte e ressurreição, instaura a vida nova, o Reino da justiça, do amor e da paz. Entretanto, assim como à Igreja, à comunidade dos fiéis é confiada a missão de servir de instrumento para a salvação escatológica de toda humanidade, assim também o Partido Comunista orienta a implantação do comunismo final. Num como noutro caso, a reconciliação do homem consigo mesmo é entendida em termos de comunhão, num caso, estrutural, imanente e autônoma; no outro, pessoal, transcendente e acolhida como dom.

Se a Igreja não soube nos séculos passados cultivar os germes de progresso, plantados muito embora fora de seu canteiro, mas prenes de potencialidades cristãs, para que produzissem frutos autênticos de verdade, de liberdade e de justiça, o seu grande desafio hoje é fomentar uma revolução cultural em moldes cristãos, a única capaz de satisfazer aos legítimos anseios da humanidade contemporânea.

4. Exemplos bem sucedidos do encontro do Evangelho com a cultura

Não é a primeira vez que a Igreja se encontra diante de tal desafio. Através de sua história ela enfrentou com maior ou menor êxito a tarefa específica da evangelização das culturas com as quais entrou em contato.

O confronto com o mundo greco-romano, nos primórdios da pregação evangélica e, mais tarde, com os povos germânicos e eslavos, são exemplos marcantes da síntese dos valores de determinada cultura com o espírito cristão.

Com admirável poder profético e criatividade apostólica, as primeiras gerações cristãs lograram converter a civilização helenística numa civilização cristã. Trata-se, sem dúvida, de uma das aventuras mais ousadas na história das culturas. Se recusassem o diálogo com o mundo ambiente, os discípulos de Jesus de Nazaré, à luz de uma análise histórica, não teriam passado de mais uma seita exótica e efêmera no cenário religioso dos primeiros séculos de nossa era. Doutra parte, aceitar as regras do jogo de uma cultura altamente sofisticada, mas radicalmente pagã e fechada no círculo do eterno retorno, significava correr o risco gravíssimo do compromisso e da absorção pelo mais forte, da traição à verdade revelada. Confiados na ordem de Cristo de anunciar o Evangelho a todos os povos, os cristãos não recuaram diante de tal ameaça. Eles vasaram pouco a pouco a experiência cristã, pessoal e comunitária, nas categorias do pensamento grego e nas instituições do Direito Romano.

Purificados num batismo de fé, assimilados numa comunhão de esperança, esses elementos culturais foram introduzidos na Literatura, na Teologia, na espiritualidade, no Direito Canônico, em todas as dimensões da vida cristã e eclesial. Não se trata apenas de incrustações, mesmo numerosas, de valores estranhos no tecido compacto do cristianismo. O cristianismo, a própria Igreja, como existem historicamente, são frutos desta simbiose entre o Evangelho e a cultura antiga. Só a este preço, que é afinal o preço da própria encarnação, a mensagem de Jesus Cristo pode ser comunicada, entendida e aceita pelos homens, a comunidade dos fiéis pode existir como um grupo social, com suas crenças, seus ritos, sua organização.

Nesta delicada travessia, a fé cristã quase naufragou ante os escolhos da concepção gnóstica e as investidas de sucessivas heresias, especialmente do arianismo. Em certos

momentos, pareceu converter-se em uma nova religião oficial, mera instituição da sociedade, subordinada aos interesses do Estado, carente de força profética e libertadora.

Tão profundo foi o processo de inculturação, tão íntima a união da vida cristã com as estruturas do pensamento e da sociedade circundantes, que muitos se perguntaram quem afinal assimilou quem. Teria o sal da Boa Nova perdido o seu sabor? Ter-se-ia a luz de Cristo ocultado debaixo das formas culturais que a envolveram?

A resposta é um claro *não*. Tanto mais claro e decidido, quanto mais consciente das distinções que importa estabelecer. Nenhuma expressão cultural é adequada à plenitude de verdade e de vida que trouxe ao mundo o Filho de Deus. As línguas, os costumes, as instituições, os modos de pensar, as normas de agir, utilizados na tradução da experiência cristã, estão sujeitos evidentemente à limitação própria de tudo o que é humano. Ao mesmo tempo em que revelam, velam também; descobrindo, encobrem a riqueza inesgotável do mistério cristão. O importante é que, através de expressões institucionais imperfeitas, a Igreja, a comunidade dos fiéis, continua a fazer a experiência do Espírito de Cristo. Esta certeza nos advém não só da promessa do Salvador, mas também da verificação dos surtos permanentes de santidade e de pureza evangélica que ocorrem através de sua história.

O sucesso do diálogo entre o Evangelho e a cultura greco-romana repetiu-se séculos depois na abordagem missionária dos povos germânicos e eslavos. Também neste caso a Igreja soube adaptar a sua mensagem à índole daquelas nações jovens. Surgiram assim, dentro de poucas gerações, Igrejas autóctones, vigorosas em sua identidade própria e na fidelidade ao espírito evangélico. Com sua contribuição decisiva, a tradição da Igreja antiga deu origem às grandes sínteses medievais do cristianismo, tanto no Oriente como no Ocidente.

5. O fracasso do diálogo entre a fé e a cultura na época moderna

A experiência original de inserção numa civilização grandiosa que se considerava o único humanismo autêntico e se contradistinguia das outras culturas como bárbaras ou, mais tarde, primitivas, levou pouco a pouco a Igreja a confundir as formas históricas que assumira o cristianismo com o próprio conteúdo nuclear da fé cristã.

Esta perspectiva provou o fracasso de novas tentativas de inculturação, realizadas a partir do século XVI.

Notável e por demais estudada é a questão dos ritos malabares e dos ritos chineses nos séculos XVII e XVIII. Mencionamo-la apenas de passagem pelo seu significado exemplar. De Nobili no sul da Índia, Ricci e seus companheiros jesuítas em Pequim, impressionados com os valores das civilizações que começavam a descobrir, tiveram a lucidez de distinguir a experiência fundante da fé cristã dos acessórios históricos que a revestiam na milenar tradição ocidental. Propunham-se assim a infundir o espírito cristão no âmago dessas culturas, respeitando, no entanto, a idiossincrasia de cada uma. Complexos, sem dúvida, eram os problemas com que se deparava a sua ação missionária. Seria válido aceitar de início o sistema hindu de castas, para recuperá-lo pouco a pouco pela força da fraternidade evangélica, ou deveria a Igreja rejeitá-la frontalmente, colocando-se à margem da sociedade e expondo-se, humanamente falando, ao fracasso completo da missão evangelizadora? Esta questão crucial e outras, sérias ou mais fúteis, dividiram as opiniões da Igreja, que acabou por condenar os intentos de adaptação. Com isso também se desvaneceram as esperanças da conversão maciça desses povos à fé cristã. Mesmo onde conseguiu estabelecer-se, a Igreja permaneceu, até quase os nossos dias, uma Igreja colonial, dependente do clero europeu, sem originalidade própria.

Mais gravidade ainda nas suas repercussões foi a crise que caracterizou as relações entre a Igreja e a cultura moderna. Nascida no seio da civilização medieval e, portanto, alicerçada em solo cristão, esta nova etapa da história do Ocidente assistiu a longo e doloroso desencontro entre a Igreja e as forças mais atuantes da sociedade.

O humanismo renascentista ainda foi assumido pelo pensamento cristão. Com efeito, ao lado da vertente naturalística, formou-se também uma corrente cristã, que soube integrar as experiências da natureza e da liberdade do homem da Renascença e servir-se das novas formas de expressão literária e artística.

Ainda no século XVII, sábios como Descartes e Newton, cujas obras foram decisivas para a futura da cultura europeia, moviam-se num universo essencialmente religioso. O célebre “eu penso” (*cogito, ergo sum*) do filósofo francês encontrava sua fundamentação no pensamento da ideia de perfeição, ou seja, em Deus. E o espaço absoluto newtoniano era concebido expressamente como expressão da imensidão absoluta de Deus.

Entretanto, os círculos eclesiásticos, de modo geral, não conseguiram reconhecer os aspectos legítimos da nova ciência e da nova filosofia, seja na sua discordância com a imagem do mundo transmitida desde a antiguidade, seja na sua defesa da autonomia da razão em relação à autoridade religiosa, no seu campo específico. Fixaram-se antes nas ambiguidades de suas formulações, na precariedade de certos raciocínios, nas precipitações e nos desvios, que ocorrem frequentemente quando se trilha um terreno desconhecido. Assim, de suspeita em suspeita, passaram à rejeição progressiva de toda a modernidade. Não é de estranhar que, a partir do iluminismo racionalista do século XVIII, a Igreja fosse diretamente combatida como força obscurantista e inimiga do progresso. Ao mesmo tempo, o pensamento dos filósofos ia-se afastando mais e mais do contexto cristão e lançava as bases do ateísmo contemporâneo.

Semelhante mal-entendido deu-se no plano político. A violência do terror na Revolução Francesa, a perseguição do clero, a laicização do Estado, tornaram praticamente inaceitáveis pela Igreja os princípios da liberdade e da democracia. Só após inúmeros conflitos e condenações foi possível perceber que se tratava de valores não só compatíveis com a visão cristã do homem, mas dela resultantes. Uma vez reconhecida esta origem, eles podiam ser desligados dos falsos pressupostos do liberalismo e reassumidos no autêntico conteúdo cristão. Com isso desfazia-se também a hostilidade de seus propugnadores.

Também no campo socioeconômico a Igreja procedeu com muita lentidão na descoberta e no apoio das aspirações dos pobres e dos operários por justiça social, face aos abusos do capitalismo selvagem. A ação no plano estrutural, as limitações do direito de propriedade, a intervenção do Estado nos conflitos sociais, reivindicados originalmente por grupos alheios à Igreja foram incorporados tardiamente à Doutrina Social cristã. Em consequência destas hesitações, a Igreja teve de lamentar a apostasia da classe operária, em vários países europeus.

6. Situação do mundo contemporâneo a ser evangelizado

Foi a partir do Concílio Vaticano II que uma nova disposição de diálogo com o mundo contemporâneo se generalizou entre os cristãos. As lições do passado demonstram que as

atitudes defensivas de medo e de recusa indiscriminada não se compaginam com a missão evangelizadora que Cristo confiou a seus discípulos. É preciso confiar na força do Espírito para superar o hiato que se estabeleceu entre a fé e a cultura.

Nos últimos decênios, o processo de implantação da civilização moderna sofreu uma forte aceleração. Através do fenômeno da urbanização, conseqüente à industrialização, e dos meios de comunicação de massa, os padrões da sociedade tecnológica assumiram dimensões planetárias. A mentalidade moderna, privilégio até há pouco de uma elite pensante, que constituía como que a ponta de lança da história, vai-se tornando rapidamente um patrimônio universal. Trata-se de uma cultura de massas. Todas as camadas da população, todo o corpo social nas diversas regiões do globo vão imergindo nesta nova cultura.

Ao lado de portentosas realizações, o mundo moderno encerra no seu bojo graves ameaças. As conquistas das ciências e da técnica oferecem ao homem oportunidades surpreendentes de ordenar as forças da natureza em benefício de seu próprio desenvolvimento. O aperfeiçoamento das instituições jurídicas e culturais permite-lhe organizar de maneira mais justa e racional as formas de convivência social.

Por outro lado, o espírito que perpassa toda esta civilização da técnica é profundamente marcado pelo materialismo racionalista. O valor do homem é medido não pela verdade de seu pensamento ou pela honestidade de seu comportamento, mas sim pela capacidade de produção e pelo grau de consumo. Ruíram os sistemas de valores tradicionais. Tudo é realizado ao sabor do interesse pessoal ou do pressuposto ideológico. Os sinais religiosos vão desaparecendo ou, quando restam, perdem sua referência sagrada, para converter-se em meros instrumentos mágicos de autoproteção. Com efeito, a angústia e a insegurança diante da competição e da violência potencial geram por sua vez diversas formas de agressividade latente ou explosiva. Todavia, mais sério do que a ameaça de extinção física da humanidade através de um cataclismo nuclear ou de uma catástrofe ecológica é o risco do desaparecimento do homem pela desumanização, isto é, pela perda de sua substância ético-espiritual.

As novas gerações, a juventude de nossas cidades e periferias urbanas, já crescem nesse universo, bem diferente daquele em que viveram seus pais e avós. É nesta situação cultural que cabe à Igreja cumprir a sua missão evangelizadora. Ela não encontra um terreno já preparado para a semente evangélica, de modo que o seu simples testemunho cativasse sem mais a adesão dos destinatários. Para ser aceita, é preciso que a mensagem cristã seja

apresentada em consonância com a linguagem e as aspirações dos homens de nosso tempo. Daí a necessidade de autêntico diálogo com a sua cultura, capaz de superar as distâncias geradas por séculos de incompreensão e polêmica.

7. Requisitos do autêntico diálogo entre a fé e a cultura

Este diálogo se faz no respeito mútuo entre os interlocutores. A Igreja deverá manter sua identidade, isto é, a autenticidade da experiência cristã corresponde à vida teologal, à fé, esperança e caridade. Também deve ser preservada a identidade cultural da nossa geração, da sociedade contemporânea, isto é, os valores e conquistas que ela encerra.

A aproximação destas duas grandezas numa nova criação sem perda de identidade, seria impossível, se ambas se situassem no mesmo nível. Então poderia acontecer no máximo a fusão numa terceira realidade mista, resultado de um compromisso, no qual cada parceiro abriria mão de alguma coisa para encontrar um denominador comum.

Mas a identidade cristã como tal não se situa no plano das culturas. A mensagem evangélica não pertence a uma cultura entre outras. A experiência cristã, não só em termos de valores abstratos (justiça, fraternidade, amor, transcendência), mas em função da pessoa concreta de Jesus Cristo, que é o verdadeiro revelador do amor de Deus e do sentido da vida humana, esta experiência cristã é universal; encontra cumplicidade secreta – assim o cremos – no coração dos homens de todas as épocas e de todas as culturas. Constitui, portanto, uma grandeza subjacente, atual e virtualmente, a cada cultura. Trata-se, no diálogo evangelizador, justamente de atuar as virtualidades latentes da cultura contemporânea através da infusão do fermento evangélico.

Não estando no mesmo nível, mas sim em planos complementares, os valores e os modos de expressão da cultura hodierna podem harmonizar-se numa realidade nova, na qual a fé atua como elemento inspirador, potenciador e purificador dos elementos culturais. Com efeito, ao penetrar a cultura contemporânea, a verdade cristã exerce também um julgamento entre os seus valores, que contribuem para o desenvolvimento do homem, e os seus contra-valores, que são fatores de destruição da verdadeira humanidade. Mas esta purificação da

cultura não afeta a sua autêntica identidade, antes a realça, enquanto a torna mais fiel à sua vocação de instrumento da plena realização do homem.

Se, no diálogo com o mundo atual, o cristianismo deve preservar a identidade de sua experiência fundante, não é menos verdade que ele deverá despojar-se de toda uma série de valores e expressões herdadas do passado, para assumir as novas formas culturais. Como no mistério da encarnação, paradigma permanente da ação de Deus entre os homens, não é salvo o que não é assumido. Este despojamento doloroso corresponde, portanto, a uma atitude de compreensão, de respeito, de simpatia para com a realidade cultural de nossos dias. Só a convicção de que, ao lado do que tem para dar – na verdade, tudo, um dom que não é seu, mas vem de Deus – a Igreja muito tem a receber do mundo contemporâneo, permite-lhe estabelecer um diálogo honesto com os homens do nosso tempo.

Entretanto, esta estima e admiração pelas riquezas da civilização atual não é possível sem uma profunda compreensão de seu espírito.

8. A mediação da Filosofia no diálogo entre a fé e a cultura

É aqui que aparece a importância da Filosofia para a missão evangelizadora da Igreja.

Uma das dimensões determinantes das culturas evoluídas, a Filosofia manifesta a auto-compreensão do homem em termos conceituais. Ao passo que a obra de arte, em particular, a obra literária, a poesia, o teatro, o romance, nos seus exemplos mais bem sucedidos, descrevem a experiência humana em linguagem concreta, real ou simbólica, a Filosofia reflete sobre tal experiência para interpretar e articular o seu sentido.

O contato com os mestres do pensamento filosófico é assim imprescindível para o conhecimento da auto-compreensão de cada época. Entretanto, a história humana é fragmentária. No âmbito de cada tradição cultural, através das criações originais, das rupturas, dos renascimentos, vai-se acumulando e desenvolvendo um acervo interpretativo do fenômeno humano, que determina a existência e compreensão das idades sucessivas. Por outro lado, entre as diversas correntes culturais se estabelecem pontos de contato, uma constância de indagações e mesmo de respostas, apesar da variedade das expressões e dos acentos que assumem.

Destarte, para compreender o homem contemporâneo nas constantes e nas variáveis de sua condição, faz-se mister recorrer a toda a história do pensamento, pelo menos, na sua vertente ocidental, que está à raiz da civilização atual.

No diálogo entre a fé e a cultura contemporânea, a Filosofia vai oferecer as categorias nas quais deverá ser vasada a experiência cristã para que se torne acessível aos destinatários da mensagem evangelizadora e assim não só possa ser revivida, mas também anime e reformule as diversas estruturas sociais.

Ilusão na qual cai frequentemente o evangelizador, no entusiasmo de sua convicção cristã, é a de prescindir das necessárias mediações culturais na comunicação de sua experiência religiosa. Sem dúvida, o testemunho vibrante dos valores evangélicos, independentemente das épocas e das diferenças culturais, é capaz de tocar aquela dimensão mais profunda do ser humano, de que falamos acima. Todavia a fé, provocada desse modo pretensamente imediato, permanecerá ilhada no mais íntimo da personalidade, sem condições de influenciar os critérios de julgamento, os dinamismos operacionais, as estruturas coletivas que envolvem e determinam a existência. Este estranhamento entre a fé e as dimensões concretas da vida, inconsciente, mas não menos fatal para as pessoas simples, que não possuem uma articulação reflexa de sua experiência, constituirá uma fonte de tensões e conflitos internos para os que participam mais efetivamente da mentalidade técnico-científica de nossa civilização.

Sem a mediação das categorias, fornecidas pelo pensamento filosófico, a mensagem cristã não alcançará o grau de comunicabilidade necessário para tornar-se o fermento de uma nova cultura. É através da articulação racional, que lhe empresta a Filosofia, que a fé se torna ciência teológica. Para os que já vivem no âmbito da fé, esta reflexão científica sobre o conteúdo da Revelação e da experiência cristã satisfaz à exigência de racionalidade própria do ser humano. Mas, para os que ainda não participaram de tal herança, uma linguagem e um discurso consentâneos com sua experiência histórica são condições *sine qua non* da eficácia da pregação evangélica.

9. Condições para a mediação efetiva do pensamento filosófico

Ao discutirmos os requisitos de autêntico diálogo com o mundo contemporâneo, parecemos colocar-nos de um lado, o lado da fé e da Igreja, contrapondo-nos aos outros, os destinatários deste anúncio. Na verdade, este diálogo se realiza, em primeiro lugar, dentro de cada um de nós. Se somos cristãos e até mensageiros do Evangelho, somos também este homem, o homem moderno, sujeito a todas as influências culturais da época. Nós mesmos precisamos ser evangelizados e, para tanto, precisamos encontrar em nossa auto-compreensão, mediada filosoficamente, as categorias que nos permitam assimilar a experiência cristã e torná-la operativa nos diversos estratos de nossa existência pessoal e social.

A Filosofia manifesta-se destarte não apenas como um conteúdo objetivo – o pensamento de outros – a ser compreendido e assimilado, mas como um modo de ser de cada um, uma atitude permanente, o hábito de pensar por própria conta, de procurar entender o sentido das coisas na sua globalidade articulada.

Mais do que pelas verdades que nos revela ou que nos transmite na sua acepção substantiva, é no sentido verbal de filosofar, refletir, procurar descobrir sempre mais e melhor a verdade das coisas que a Filosofia se constitui num elemento decisivo da cultura, em fator fundamental de humanização.

Mas, para que cumpra deste modo a sua missão, o estudo da Filosofia deverá precaver-se de dois escolhos que o levarão fatalmente ao naufrágio: o ecletismo invertebrado de um amontoado de conhecimentos não digeridos, criticados, ordenados, e a tentação sistêmica. Nem uma nem outra destas atitudes de pensar permitirá o autêntico diálogo com o mundo contemporâneo. De um lado, faltará ao pensamento o vigor de uma perspectiva definida que permita aprofundar a abordagem do real, bem como analisar e criticar as suas diferentes interpretações. Já o sistema, que tem respostas para tudo, assentado tranquilamente em seus princípios e encerrado na circularidade de suas demonstrações, mostra-se impermeável ao diálogo e a qualquer verdadeira inovação ou superação. Admite apenas desenvolvimentos resultantes da aplicação de seus princípios a novas realidades.

Em contraposição seja à indeterminação do ecletismo seja ao pensamento sistêmico, o autêntico exercício de pensar poderá ser caracterizado como sistemático, isto é, a um tempo coerente e inacabado, aberto tanto para cima, nas suas respostas, como para baixo, nos seus

fundamentos, aberto antes de tudo para a realidade, reconhecida de antemão como maior que o pensamento humano, e, assim, inexaurível para nós em sua inteligibilidade. Sem condescender com qualquer forma de relativismo, admite que nossa compreensão da realidade deve ser constantemente reformulada, em virtude seja da própria historicidade constitutiva do acontecer humano, seja pela incorporação de novas perspectivas na abordagem inteligente dos fatos. O pensamento sistemático concilia a tendência do espírito humano para a totalidade do ser como a consciência lúcida de sua própria finitude. Ele tem perguntas sobre tudo, perguntas que naturalmente só podem ser feitas sobre a base de uma série de pressupostos implícita ou explicitamente conhecidos. Ele não cessa de cavar os seus próprios fundamentos, procurando alicerçar-se numa interpretação cada vez mais profunda e abrangente da experiência humana.

Para quem deseja vivamente levar a mensagem de Cristo a seus irmãos, não é fácil aceitar a mediação do pensamento filosófico. É grande a tentação de entregar-se imediatamente e de corpo e alma à ação pastoral. Não há dúvida que o simples testemunho de vida evangélica, mesmo sem qualquer palavra ou raciocínio, pode despertar no homem a resposta da fé. Espero, porém, ter ajudado a compreender que os condicionamentos culturais do mundo atual oferecem sérios obstáculos ao despertar e, mais ainda, ao aprofundamento da fé. Ainda que dotada de preciosas riquezas, que o pensamento cristão e a vida eclesial não deveriam desconhecer, a sociedade contemporânea na sua configuração global não está marcada pelo sinal positivo da cruz redentora. Os homens de nosso tempo, as novas gerações em particular, são basicamente produtos deste ambiente, prisioneiros de uma série de ideias, de padrões de comportamento, de atitudes e critérios, muitas vezes contrários à dignidade humana. Quem deseja realmente contribuir para o maior bem de seus semelhantes não pode passar à margem desse fenômeno, nem o ignorar, nem o rejeitar em bloco, nem o assimilar inconscientemente. É preciso, ao invés, compreender em suas raízes e em suas manifestações a cultura contemporânea, é preciso discernir os seus valores e as suas falhas, é preciso recriar um universo cultural, onde se respire uma atmosfera sadia de verdade e justiça. Tal é o grande desafio lançado aos cristãos de nosso tempo. Para que possam fazer face a essas exigências da evangelização, devem estar armados não só de profunda experiência espiritual, mas também de sólido arcabouço conceitual. E as vigas-mestras desta construção intelectual são fornecidas pela Filosofia.